

TER UM FIHO DURANTE A PÓS-GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM: PERSPECTIVAS E DESAFIOS

Recebido em: 24/02/2023

Aceito em: 29/03/2023

DOI: 10.25110/arqsaude.v27i3.2023-006

Nathalia da Silva Rosa¹

Viviane Cazetta de Lima Vieira²

Iara Sescon Nogueira³

Sonia Silva Marcon⁴

Flavia Cristina Vieira Frez⁵

RESUMO: Objetivo: compreender como enfermeiras percebem a vivência de uma gravidez e os primeiros meses após o nascimento de um filho durante o mestrado/doutorado. Método: estudo qualitativo, exploratório-descritivo, desenvolvido com nove pós-graduandas em enfermagem de uma universidade pública do estado do Paraná. A coleta de dados foi realizada nos meses de agosto e setembro de 2022, a partir de entrevistas individuais semiestruturadas que foram audiogravadas, transcritas e submetidas à análise de conteúdo, modalidade temática proposta por Bardin. Resultados: emergiram três categorias temáticas: 1) Enfrentando desafios: conciliar tarefas é uma necessidade; 2) Rede de apoio como facilitadora na conciliação da maternidade com os estudos e; 3) Aumento do tempo de licença-maternidade, flexibilização e apoio interno para inclusão de mulheres mães na ciência. Conclusão: as vivências da maternidade vivenciadas por mulheres na pós-graduação foram pautadas na sobrecarga das mães pesquisadoras, repercutindo em atrasos no cumprimento de prazos, dificuldade em manter a amamentação e preocupação com a saúde dos filhos, refletindo em escolhas e renúncias da maternidade nesta etapa da vida.

PALAVRAS-CHAVE: Mulheres; Gravidez; Maternidade; Educação de Pós-Graduação em Enfermagem.

HAVING A CHILD DURING GRADUATE NURSING: PERSPECTIVES AND CHALLENGES

ABSTRACT: Objective: to understand how nurses perceive the experience of pregnancy and the first months after the birth of a child during their master's/doctoral studies. Method: qualitative, exploratory-descriptive study, developed with nine graduate students in nursing at a public university in the state of Paraná. Data collection was carried out in August and September 2022, based on semi-structured individual interviews that were audio-recorded, transcribed and submitted to content analysis, the thematic modality proposed by Bardin. Results: three thematic categories emerged: 1) Facing challenges:

¹ Graduada em Enfermagem. Universidade Estadual de Maringá. E-mail: nathalia_rosa@live.com
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8590-3433>

² Doutora em Enfermagem. Universidade Estadual de Maringá. E-mail: vclvieira2@uem.br
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3029-361X>

³ Doutora em Enfermagem. Universidade Estadual de Maringá. E-mail: isnogueira2@uem.br
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5815-9493>

⁴ Doutora em Enfermagem. Universidade Estadual de Maringá. E-mail: soniasilva.marcon@gmail.com
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6607-362X>

⁵ Doutora em Ciências Farmacêuticas. Universidade Estadual de Maringá.
E-mail: frezflavia2@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4579-7127>

reconciling tasks is a necessity; 2) Support network as a facilitator in reconciling motherhood with studies and; 3) Increased maternity leave, flexibility and internal support for the inclusion of women mothers in science. Conclusion: the experiences of motherhood experienced by women in graduate school were based on the overload of research mothers, resulting in delays in meeting deadlines, difficulty in maintaining breastfeeding and concern for the health of their children, reflecting on choices and waivers of motherhood in this life stage.

KEYWORDS: Women; Pregnancy; Motherhood; Post-Graduate Nursing.

TENER UN HIJO DURANTE LA CARRERA DE ENFERMERÍA: PERSPECTIVAS Y RETOS

RESUMEN: Objetivo: comprender cómo las enfermeras perciben la experiencia del embarazo y los primeros meses después del nacimiento de un hijo durante sus estudios de maestría/doctorado. Método: estudio cualitativo, exploratorio-descriptivo, desarrollado con nueve estudiantes de postgrado en enfermería de una universidad pública del estado de Paraná. La recolección de datos se realizó en agosto y septiembre de 2022, a partir de entrevistas individuales semiestructuradas que fueron grabadas en audio, transcritas y sometidas a análisis de contenido, modalidad temática propuesta por Bardin. Resultados: emergieron tres categorías temáticas: 1) Enfrentar desafíos: conciliar tareas es una necesidad; 2) Red de apoyo como facilitadora en la conciliación de la maternidad con los estudios y; 3) Aumento de la licencia de maternidad, flexibilidad y apoyo interno para la inclusión de mujeres madres en la ciencia. Conclusión: las experiencias de maternidad vividas por las mujeres en el posgrado se basaron en la sobrecarga de las madres investigadoras, resultando en retrasos en el cumplimiento de los plazos, dificultad para mantener la lactancia materna y preocupación por la salud de sus hijos, reflexionando sobre las opciones y renuncias de la maternidad en esta etapa de la vida.

PALABRAS CLAVE: Mujeres; Embarazo; Maternidad; Postgrado en Enfermería.

1. INTRODUÇÃO

As mulheres têm se inserido cada vez mais no mercado de trabalho e nos programas de pós-graduação, representando 54,2% dos discentes de mestrado e doutorado no Brasil. Dentre os contemplados por bolsa de estudo pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), elas somam 58% (CAPES, 2022), demonstrando uma vasta ocupação de mulheres nestes programas.

O período que habitualmente as mulheres estão se dedicando à pós-graduação coincide com o pico da idade fértil (POLAN; MATTEI; BARBERA, 2022). Nesse cenário, a pós-graduanda pode vivenciar a maternidade em um momento de altas demandas laborais, de exigência por produtividade, de cobranças institucionais e avaliações recorrentes (RODRIGUES; MORAIS, 2021), apresentando desafios para sua permanência e colocando em risco a conclusão de seus estudos (PONTES et al., 2022).

O número de mulheres com filhos que conseguem submeter artigos científicos é mais baixo (46,4%) quando comparado com mulheres sem filhos (56,4%) (CNPq, 2021). Desta forma, a gravidez não planejada na trajetória das pós-graduandas pode ser experienciada por essas mulheres como uma ruptura significativa de sua trajetória, exigindo a construção de estratégias de enfrentamento (PONTES et al., 2022), a fim de possibilitar a conciliação da maternidade com as demandas dos estudos na pós-graduação.

A licença maternidade, suporte garantido por meio das políticas públicas à mulher inserida no mercado de trabalho, foi um direito adquirido no ano de 1943 junto à criação da Consolidação das Leis de Trabalho (CLT). Após a promulgação da Constituição Brasileira, houve o aumento do período, que inicialmente era de 84 dias, para 120 dias, e as mulheres passaram a ter garantia de estabilidade e permanência no emprego durante esse período (BRASIL, 2008).

Para as mulheres pós-graduandas, entretanto, essa realidade só chegou no ano de 2017, a partir da aprovação da Lei 13.536/2017:

Garante a prorrogação da bolsa por um período de até 120 dias a estudantes que darem à luz, adotarem ou obtiverem a guarda judicial de crianças durante o período de vigência da bolsa original. Segundo esta lei, a bolsista ficará dispensada das atividades acadêmicas durante o afastamento temporário e é proibida a suspensão do pagamento da bolsa nesse período (BRASIL, 2017).

A problematização acerca da importância e valorização da licença-maternidade contribuiu, inclusive, para a possibilidade de inclusão, a partir de abril de 2021, do período de licença-maternidade das pesquisadoras na Plataforma *Lattes* (RODRIGUES; MORAIS, 2021).

Na área da enfermagem, ainda se preserva uma representação de que o papel feminino esteja interrelacionado ao papel materno de promoção do cuidado e da afetividade nas relações (RODRIGUES et al., 2017). Desse modo, a sociedade tende a esperar que essas mulheres estejam mais preparadas para a maternidade.

Considerando os desafios relacionados à sobrecarga das múltiplas tarefas somadas a maternidade no período da pós-graduação e da carência de estudos publicados relacionados a essa temática, acredita-se que a compreensão da adaptação da mulher/mãe acerca das experiências vivenciadas pelas pós-graduandas de enfermagem sinalize ações que fortaleçam a inclusão e o fortalecimento destas mulheres na vida acadêmica/científica.

Dessa forma essa pesquisa foi norteada pelo seguinte questionamento: Como as enfermeiras vivenciam uma gravidez e os primeiros meses após o nascimento de seu filho durante a pós-graduação? Neste sentido, este trabalho objetivou compreender como enfermeiras percebem a vivência de uma gravidez e os primeiros meses após o nascimento de um filho durante o mestrado/doutorado.

2. MÉTODOS

Tratou-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, de caráter exploratório-descritivo. A pesquisa qualitativa é indutiva, não parte de uma teoria específica, mas é produzida a partir das percepções dos sujeitos que participam da pesquisa (PATIAS; HOHENDORFF, 2019).

O público-alvo do estudo foram 11 pós-graduandas do Programa de Pós-graduação em Enfermagem (PSE) de uma instituição pública de ensino superior localizada no noroeste do estado do Paraná. O critério para inclusão das pós-graduandas no estudo foi: ter tido o nascimento do filho durante o período de pós-graduação, nos anos de 2019 a 2022. O recorte temporal se justificou pela necessidade de memórias recentes para apontar dificuldades de vivências atuais. Por sua vez, foram excluídas as pós-graduandas que ainda estivessem gozando da licença maternidade durante o período da coleta de dados.

Para identificação do público-alvo, foi solicitado à coordenação da pós-graduação do referido programa uma lista com os nomes e números de telefones das pós-graduandas, a partir da base de documentação de afastamento por licença-maternidade. O contato com as pós-graduandas foi realizado via aplicativo de mensagens, por meio do *WhatsApp*®. Foi informado sobre o objetivo da pesquisa, compromisso com o anonimato, e realizado o convite para a participação no estudo. Após o aceite, foi agendado a coleta de dados em horário mais oportuno, de acordo com a disponibilidade das pós-graduandas. Foram contatadas 11 pós-graduandas, e destas, duas se recusaram alegando indisponibilidade de horário, e assim, participaram do estudo nove pós-graduandas em Enfermagem.

A coleta de dados ocorreu durante os meses de agosto a setembro de 2022, por meio da realização de entrevistas individuais semiestruturadas, conduzidas pela pesquisadora principal via aplicativo de chamadas de vídeo, o *Google MEET*®. O uso do aplicativo foi necessário, uma vez que as aulas estavam sendo desenvolvidas de forma remota *on-line* em decorrência da pandemia de COVID-19 no Brasil, além de que a

maioria das pós-graduandas residia fora do município da referida instituição de ensino. As entrevistas foram gravadas após autorização e tiveram duração média de 25 minutos.

Como instrumento de coleta de dados, foi utilizado um roteiro elaborado pelas próprias pesquisadoras e constituído de duas partes, a primeira com questões objetivas relativas à caracterização sociodemográfica das pós-graduandas (idade, estado civil, raça, número de filhos antes da pós-graduação e planejamento da gestação), e a segunda contendo a seguinte questão norteadora: *Conte-me, como foi para você vivenciar uma gravidez e os primeiros meses após o nascimento de seu filho durante o mestrado/doutorado?* Foram utilizadas questões de apoio para o alcance do objetivo proposto, a saber: *Quais os principais desafios em conciliar a maternidade com as demandas da pós-graduação? Você tem/teve uma rede de apoio que a auxiliasse neste período? Em sua opinião, o que poderia ser feito para auxiliar as mulheres neste período? Fale-me sobre isto.*

Os áudios das entrevistas foram transcritos na íntegra e submetidas à Análise de Conteúdo, modalidade temática proposta por Bardin (BARDIN, 2016), respeitando as etapas preestabelecidas pelo referencial metodológico, abrangendo: 1) Pré-análise; 2) Exploração do material e; 3) Tratamento dos dados. Na etapa de pré-análise foi realizada a leitura exaustiva das entrevistas com identificação dos núcleos do sentido e tematização dos dados à luz do objetivo proposto. Na exploração do material empírico, realizou-se a classificação e agregação das unidades de significação, seguido do agrupamento em núcleos temáticos. No tratamento dos resultados, emergiram três categorias provenientes da articulação dos dados empíricos ao objetivo da pesquisa (BARDIN, 2016), a saber: 1) Enfrentando desafios: conciliar tarefas é uma necessidade; 2) Rede de apoio como facilitadora na conciliação da maternidade com os estudos; Aumento do tempo de licença-maternidade, flexibilização e apoio interno para inclusão de mulheres mães na ciência.

O estudo foi desenvolvido em consonância com as diretrizes disciplinadas da Resolução 674/2022 do Conselho Nacional de Saúde, com a aprovação do Comitê Permanente de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (COPEP) sob número 5.594.036/2022 (CAAE: 60501822.7.0000.0104). Todas as participantes receberam e assinaram o Termo de consentimento Livre e Esclarecido disponibilizado de forma *on-line*, via WhatsApp®, com assinatura digital da pesquisadora principal, e para garantir-lhes o anonimato, os depoimentos das pós-graduandas foram codificados com a letra “P” seguido de números arábicos conforme a ordem de realização das entrevistas.

3. RESULTADOS

Participaram da pesquisa nove pós-graduandas em Enfermagem, com idades de 26 a 37 anos, média de 31,4 anos. A maioria das pós-graduandas eram casadas (n=7), de raça branca (n=8), não tinham filhos antes da pós-graduação (n=8), engravidaram no período do doutorado (n=5) e realizaram o planejamento da gestação (n=5). Após análise, emergiram três categorias temáticas, apresentadas a seguir:

3.1 Enfrentando desafios: conciliar tarefas é uma necessidade

Ao relatarem suas vivências sobre ter um filho durante o mestrado/doutorado em enfermagem, as entrevistadas relataram enfrentar dificuldades na tentativa de conciliar as atividades acadêmicas com os cuidados com a criança e os afazeres domésticos, conforme exposto nos seguintes depoimentos:

Às vezes eu estou num pico assim, de ver que está fluindo e está dando tudo certo, aí ela chora ou ela chega e eu tenho que parar tudo no meio, no momento em que seria o desenvolver da tese. (P3)

As demandas são gigantescas, a pós-graduação já é uma super demanda e com o bebê em casa, a prioridade tem que ser ele, então eu preciso atender às demandas dele e nas horas que seriam livres, eu preciso atender às do mestrado. (P8)

Eu penso seriamente em desistir do doutorado, porque eu acho que não vou conseguir conciliar os meus filhos, o cuidado de casa, com o trabalho e mais o doutorado, porque eu me frustro também, não consigo fazer nada, é tudo pela metade, então eu acho que não vou conseguir. (P6)

A cobrança pela produtividade na pós-graduação requer disciplina e dedicação das pós-graduandas, as quais muitas vezes não conseguem atender os requisitos estabelecidos pelo programa de pós-graduação em decorrência das exigências e dos cuidados com a criança. As pós-graduandas relataram dificuldade no cumprimento dos prazos diante da sobrecarga com os cuidados da criança:

O bebê requer muita demanda da mãe, requer atenção o tempo todo. Então acho que a maior dificuldade é ter que cuidar do bebê nesse processo e ter que desenvolver as coisas dentro dos prazos determinados. (P4)

Eles choram, precisam de atenção e você tem um prazo para entregar determinadas coisas que talvez nem consiga entregar, então para mim, isso é o que fica mais puxado. (P2)

O período da coleta de dados se apresentou como um obstáculo a ser superado, uma vez que as pós-graduandas precisavam ficar longe de seus filhos para poderem cumprir as atividades preestabelecidas em seus projetos de pesquisa.

A distância pesa mais do que as questões do doutorado, por estar me dedicando as coletas eu não consigo estar perto dela. (P1)

A maior dificuldade é quando a gente precisa ir pra campo coletar dados, na verdade nenhuma das fases é fácil, todas são difíceis. Só que são níveis de dificuldades diferentes. (P5)

As pós-graduandas relataram grande preocupação com a saúde de seus filhos, envolvendo desde o período da gestação até o período após a licença maternidade, em que as mesmas precisaram levar seus filhos aos centros de educação infantil para conseguir vencer as exigências da pós-graduação.

Ele iniciou na escola e começou a ficar muito doente, porque foi a primeira vez que teve esse contato e esse ano foi bem atípico também. Por isso ele precisou muito de mim e a gente fica mal quando o filho não está bem, então saiu tudo fora do planejado. (P6)

Eu estava com muito receio porque estava fazendo consultas de enfermagem nas UBS's, estava com seis meses e comecei a pegar pacientes com quadro de Tuberculose para entrevistar. Às vezes eu tinha entrevistado a pessoa depois eu descobria que ela tinha Tuberculose ou Covid. (P2)

Diante dos obstáculos enfrentados, as pós-graduandas se questionavam se a rotina da dedicação com atividades acadêmicas deveria mesmo se sobrepôr aos cuidados com os seus filhos, e por vezes, apresentam sentimentos negativos e incertezas sobre as escolhas e renúncias exigidas pela maternidade.

O maior desafio é o peso de achar que está fazendo algo certo e talvez estar perdendo tempo. Porque enquanto mulher é lógico que a gente quer estudar, quer vencer os nossos desafios internos e garantir aquilo que a gente acha correto, só que ao mesmo tempo eu tenho uma criança que está passando a idade dela, hoje ele tem três anos, mas ele não vai voltar a ter três anos, então será que eu estou perdendo tempo? De ficar com ele, de ser mais presente. (P7)

Já tomei a decisão que quando acabar a pós eu não quero um emprego de 40h, quero ficar meio período com ela e meio período trabalhando, mesmo que eu tenha menos dinheiro, vou ter mais tempo com ela enquanto ela for pequena e depois vejo como vai ser. (P1)

Em síntese, nesta categoria foi possível identificar que as pós-graduandas demonstraram dificuldades em conciliar a maternidade com as atividades inerentes as demandas da pós-graduação, devido a fatores sobre a sobrecarga das atividades de vida

diárias que influenciam no cumprimento de prazos exigidos pelo programa. Sobreposto a esta situação, as participantes relataram medo de expor seus filhos a riscos, que por fim culminaram em dúvidas sobre as escolhas e renúncias da maternidade nesta etapa da vida.

3.2 Rede de apoio como facilitadora na conciliação da maternidade com os estudos

Todas as participantes relataram que a rede de apoio foi um facilitador no processo de conciliação da maternidade e dos estudos, tornando-se um fator fundamental nesse período e colaborando, inclusive, para a manutenção da saúde mental das pós-graduandas.

A rede de apoio é fundamental. Eu acho que é o que te possibilita a não ter uma depressão pós-parto, o que te possibilita a amamentar, que possibilita uma criação com afeto, porque uma mãe que não está bem não consegue tratar a criança bem, então eu acho que tudo é a rede de apoio. (P6)

A rede de apoio é fundamental. Até hoje eu estou vendo a importância, tipo hoje minha mãe que está com ele agora a tarde, para eu vir para o projeto. (P2)

A família foi a rede de apoio mais mencionada entre as participantes da pesquisa, ajudando com as demandas da criança nos momentos em que precisavam se ausentar para cumprir as atividades da pós-graduação.

O meu marido me dá bastante apoio. Às vezes quando estou muito atrasada a minha mãe acaba ficando com ela um tempo a mais para que eu consiga agilizar a demanda que preciso. (P3)

Dentro da questão da pós-graduação se você não tiver apoio principalmente da família pra ajudar nos cuidados com o bebê e não vai, não flui. Então o apoio familiar nessa hora ele é fundamental, o apoio do marido, de uma família parceira que vai conseguir cuidar do bebê para que você consiga cumprir suas demandas. (P4)

Moro do lado do meu sogro e da minha sogra. Eles me ajudam muito cuidando dele, meus pais não moram na cidade, mas também quando eu preciso ir para as aulas eles me dão bastante apoio e ainda tenho meu marido que no contraturno à noite ele consegue cuidar também. Eu não conseguiria sem essa rede de apoio. (P7)

Graças a Deus, eu tinha minha mãe pra me ajudar. Eu só consegui escrever por conta dela, que ficava com meu filho, enquanto eu conseguia produzir um pouco. (P9)

Além da família, observou-se que os amigos, as escolas de educação infantil e as babás também representaram uma rede de apoio e um papel importante de auxílio para essas mulheres, permitindo que elas deixem seus filhos sob cuidado, enquanto conciliam com as demais obrigações.

No segundo ano do doutorado comecei a pagar uma babá pra ficar com ela a tarde, uma amiga mesmo que cuidava para eu fazer as coisas, aí conseguia conciliar bem e dei conta do doutorado até então. Agora ela começou a ir pra escola no período da manhã e à tarde fica com a minha sogra. (P1)

Eu tenho ajuda de várias amigas principalmente na parte da pós-graduação, tive um apoio muito grande. (P3)

A manutenção da amamentação, na percepção das pós-graduandas, constituiu um desafio. O alicerce da família se mostrou como um suporte fundamental neste processo, que em alguns momentos precisou ser adaptada para que a mulher pudesse manter o aleitamento materno.

Ele tá só no peito, com aleitamento materno exclusivo e de livre demanda. Então ordenhei o leite, congelei e minha mãe vai dar na mamadeira. E então vai ter que fazer essa adaptação. (P2)

Eu fui pro hospital fazer estágio docente com um bebê pequeno. Daí nesse caso a minha mãe ia junto comigo, meu filho já estava maior, com três meses, eles ficavam no estacionamento por ali e daí minha orientadora já sabia. Na hora que ele começava a chorar querendo mamar, minha mãe ligava, eu pedia autorização para minha orientadora, saía do hospital, ia pro estacionamento, higienizava as mãos, trocava de roupa e ia amamentar. (P5)

A ausência da rede de apoio também foi mencionada pelas participantes, que relataram a falta que faz esse auxílio no processo de conciliação da maternidade com as atividades da pós-graduação:

Não tive rede de apoio, minha família não é daqui e com certeza fez muita falta. Porque talvez se eu tivesse pessoas mais próximas, poderiam ter me ajudado em momentos em que eu precisava voltar minha atenção para as atividades do mestrado. (P8)

Mas por exemplo, se não tivesse minha família, não tivesse meu marido, abandonaria de fato. (P5)

Nessa categoria foi possível identificar a importância da rede de apoio para continuidade da pós-graduação e conciliação das demandas que se ampliam após a maternidade. A família, a escola e os amigos que exercem o cuidado da criança quando essa mãe precisa se ausentar para cumprir com as demandas acadêmicas, representaram um papel fundamental de auxílio para as participantes no enfrentamento das dificuldades vivenciadas.

3.3 Aumento do tempo de licença-maternidade, flexibilização e apoio interno para inclusão de mulheres mães na ciência

A vivência da maternidade na pós-graduação na percepção das pós-graduandas é permeada por desafios que precisam ser superados para o suporte à mãe estudante. Nesta perspectiva, as entrevistadas sugerem em sua maioria, o aumento do tempo da Licença Maternidade de quatro para pelo menos seis meses, respeitando o tempo preconizado pelo Ministério da Saúde (MS) para o Aleitamento Materno Exclusivo.

Eu acredito que seja importante que a licença maternidade seja de seis meses porque é um período de adaptação, a gente da Enfermagem sabe sobre a importância do aleitamento materno exclusivo até esse período e tem que retornar com quatro meses. (P2)

A pós-graduação pode me dispensar na licença maternidade por quatro meses, então talvez estender para seis meses, ou de repente um ano, que eu acho de verdade que toda mulher deveria ser afastada mais de seis meses, sabe um ano já está consolidada a alimentação e você consegue com tranquilidade fazer o desmame aos seis meses, introduzir os alimentos, a gente sabe que até um ano da criança o principal alimento é o leite materno. (P6)

As pós-graduandas também relataram que existe falta de flexibilização dos prazos, sendo um gerador de conflito na conciliação da maternidade com a pós-graduação, devido ao aumento das demandas externas após o nascimento de um bebê e consequentemente uma dificuldade maior para entregar as atividades nas datas estipuladas:

Ter flexibilidade na questão dos prazos no decorrer do curso seria algo que poderia facilitar para gente. (P3)

Seria ótimo estender um pouco o prazo, porque entende-se que o prazo é estendido por conta da licença à maternidade, mas a licença não deveria contar, entende? Ainda assim, na hora que você retorna da licença, há uma cobrança gigantesca para você concluir alguma coisa que estava estagnada, é complicado. (P8)

Devido à necessidade do retorno nas atividades da pós-graduação após os quatro meses de licença à maternidade, muitas alunas precisam levar o filho para as aulas, principalmente as que estavam em amamentação exclusiva sob livre demanda. As entrevistadas relataram dificuldades que envolvia desde questões estruturais da universidade, como a falta de um ambiente adequado para higienização da criança – um fraldário -, quanto a logística desse período de adaptação:

Nos primeiros meses eu vinha sozinha com ele. Aí depois começou a ficar bem exaustivo pra mim. Daí alguém sempre tinha que se disponibilizar para vir, ou

era meu esposo, ou era meus pais, ou meus irmãos. E vir com ele pequeno, é muito cansativo pra ele também. (P2)

O meu filho frequentava as aulas junto comigo. Ele mamava e eram de três a quatro aulas seguidas, então não tinha como deixar com alguém. E não tinha um fraldário no bloco, eu levava álcool, uma compressa para secar a pia que era bem estreita, jogava álcool, colocava o trocador e trocava a criança assim se debatendo enquanto você tenta se organizar. (P5)

Entre as participantes do estudo, observou-se que o apoio interno do programa de pós-graduação em Enfermagem e a compreensão do docente orientador é de extrema importância para continuidade e pode ser um facilitador no processo.

Minha orientadora está sendo bem compreensiva, ela está tendo bastante paciência com a minha adaptação porque não é fácil. Então isso é essencial para continuação do processo da pós-graduação. (P2)

Uma rede de apoio por parte do programa e não estou falando de dar mais tempo, mas de ser mais compreensivo em algumas questões. (P5)

Eu fui muito feliz porque eu tive uma orientadora que me entendeu muito, então as cobranças vinham um pouco mais delicadas. O orientador tem esse poder de facilitar, de entender melhor, de apoiar, entender que é uma fase e isso não significa que o aluno é ruim, só que a gente está aprendendo como ser mãe e ainda ser outras coisas, é um processo. (P7)

As falas das participantes demonstram que desafios precisam ser superados facilitando a adaptação da maternidade à vida da pós-graduanda, como o aumento do tempo da licença para seis meses, o que segundo elas, promoveria sobretudo o aleitamento materno exclusivo até a idade preconizada pelo MS. A flexibilização dos prazos de entrega e o apoio interno do programa que auxilie essas mulheres com empatia e compreensão oferecendo estruturas básicas para recebê-las, poderiam auxiliar neste período de adaptação, visando a inclusão dessas mulheres na pesquisa e a redução das desistências.

4. DISCUSSÃO

De modo geral, o estudo permitiu evidenciar a sobrecarga das mulheres, mães e pós-graduandas em Enfermagem, a partir dos relatos de suas vivências, bem como de suas maiores dificuldades no processo de conciliação diante das múltiplas tarefas programadas. A realização dos cuidados domésticos, somadas a maternidade, ao trabalho e aos estudos (COSTA, 2018), caracterizam a jornada desafiadora da mulher contemporânea.

As participantes do estudo em tela mencionaram que o cumprimento dos prazos das atividades da pós-graduação se tornou uma dificuldade após o nascimento de seus filhos, devido à dependência e as necessidades naturais de uma criança no início de sua vida. Neste sentido, uma pesquisa sobre gênero envolvendo as desigualdades nas chamadas áreas de Ciência, Tecnologia, Engenharia e Matemática (STEM), ressaltou que a busca de equilíbrio entre a carreira profissional e a vida pessoal interferiu na produtividade de publicações científicas e no avanço das mulheres na carreira (CNPq, 2021), o que corrobora com os dados do presente estudo.

Resultado consoante é confirmado pelas ações desenvolvidas pelo grupo *Parent in Science*, que lançam luz sob essa temática, trazendo importantes dados sobre a maternidade e seus impactos na vida profissional de mulheres pesquisadoras. A referida pesquisa apontou que as pesquisadoras-mães declararam que com a chegada da maternidade, o cumprimento dos prazos para submissão de projeto ou a entrega do relatório é afetado, de modo que 35% perdem o prazo para submissão e 12% não submetem (PARENT IN SCIENTE, 2019).

Em contraponto, uma pesquisa que objetivou analisar em que medida as universidades públicas do Rio Grande do Sul têm considerado as questões relativas à maternidade em editais internos de concessões de bolsas e demais incentivos a pesquisa, identificou que a maioria das universidades públicas gaúchas apresentaram o ajuste dos critérios avaliativos ou destinação de cotas específicas de pesquisa às pesquisadoras-mães, em ao menos um edital de fomento (IVO; FERREIRA, 2019), demonstrando que embora ainda incipientes, as iniciativas de apoio às pesquisadoras mães estão se desenvolvendo em determinadas regiões do Brasil.

O Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico já lançou dois editais que corroboraram com a necessidade de ampliação do interesse e da participação de mulheres na ciência (CNPq, 2021). Contudo, oferecer suporte para a

adaptação da maternidade na vida científica ainda é um desafio, conforme evidenciado no presente estudo.

Para tanto, destaca-se a necessidade de um acolhimento adequado e coletivo que assegure a sustentabilidade no trabalho e forneça todo o suporte necessário a essas novas mães (NARDI et al., 2020). A flexibilização da jornada de trabalho no período pós puerperal, por exemplo, foi no presente estudo, considerada pertinente e importante para as pós-graduandas em enfermagem conseguirem se adaptar às novas rotinas, tendo a oportunidade de se ambientar ao trabalho e ao papel de mãe.

Estudo realizado com 40 mães trabalhadoras de uma instituição de ensino público que retornaram ao trabalho após o período de licença maternidade encontrou resultados consoantes a este estudo, apontando que as dificuldades de nova adaptação prevalecem, demandando atenção institucional para acolhimento no retorno da licença-maternidade (RODRIGUES et al., 2022).

O período da licença maternidade é apontado como um dos principais fatores para o insucesso do Aleitamento Materno Exclusivo (AME) no Brasil, uma vez que a legislação brasileira garante a obrigatoriedade da licença até apenas os quatro meses (GUARESCHI; SASSAKI; ANDRADE, 2021). Desse modo, um período menor que seis meses se torna um problema, tendo em vista que a ocasião do nascimento de um bebê impõe à família um período de adaptação frente às novas demandas e às diferentes dificuldades, impactando negativamente no aleitamento materno (RODRIGUES; MORAIS, 2021).

Assim, diante das dificuldades vivenciadas, as pós-graduandas entrevistadas reforçaram a necessidade da ampliação da licença maternidade, tendo em vista que precisam retornar para as atividades da pós-graduação no período em que seu filho ainda está em amamentação exclusiva, de modo a fortalecer o vínculo e a interação mãe-bebê nesse período. Essa relação criada com a mãe é descrita como figuras de apego e estabelecimento de segurança, o que é capaz de prover a criança um ambiente favorável para o desenvolvimento físico, emocional seguro e saudável (LISBOA; FERNANDES, 2021).

Ser mãe e amamentar não são papéis sociais fixos que as mulheres se apropriam naturalmente e reproduzem harmoniosamente. São antes desafios e demandas construídas socialmente que envolvem ressignificação, conflitos e redefinição da sua identidade (GIORDANI et al., 2018). Quando uma nutriz não consegue amamentar, o "fracasso" percebido pode ser uma grande fonte de culpa e vergonha (JACKSON et al.,

2021), especialmente para os profissionais de saúde, como as pós-graduandas de enfermagem, que absorvem durante toda sua formação a importância do aleitamento materno.

Para tanto, retornar às atividades após a licença e manter o AME é possível em algumas situações que envolvem o incentivo e apoio do local de trabalho e quando a lactante conta com rede de apoio (DAMIRÃO; ROTENBERG, 2020). Nesta perspectiva, a rede de apoio foi considerada no presente estudo como fundamental por todas as entrevistadas, representando um papel importante para continuidade da pós-graduação após a maternidade.

Quando uma mulher engravida, o nascimento do filho costuma ser repleto de expectativas, mudanças e desafios. Após o nascimento, há uma puérpera que tenta equilibrar as tarefas que lhe são atribuídas como mãe, juntamente com a transformação hormonal, física e emocional pela qual está passando. A depressão é considerada um grave problema de saúde pública, com predominância em mulheres, muitas vezes precedida por eventos significativos da vida, como gravidez, parto e puerpério, por isso esse período precisa ser visto com uma atenção especial (MULLER; MARTINS; BORGES, 2021).

Sobreposto as dificuldades relacionadas à amamentação e ao cuidado com a criança, o excesso de obrigações e a busca pela produtividade levam a um esgotamento físico e emocional, podendo comprometer em diferentes níveis a qualidade das relações familiares, bem como do lazer, do descanso e da saúde (RODRIGUES; MORAIS, 2021), apontando a sobrecarga da mulher cientista que almeja uma maior qualificação no mercado de trabalho. Neste sentido, para além da rede de apoio, é necessário que a universidade, os coordenadores e professores também desempenhem um papel de apoio às mães pós-graduandas, para que não desistam do seu processo de formação, uma vez que essas mulheres necessitam de um auxílio maior nesse período transitório de suas vidas (PRATES; GOLÇALVES, 2019).

5. CONCLUSÃO

A vivência das enfermeiras, pós graduandas no mestrado/doutorado, coloca em evidência a sobrecarga manifestada na conciliação entre as múltiplas tarefas, que influenciam no cumprimento de prazos exigidos pelo programa e na manutenção da amamentação após retorno da licença-maternidade. Essas situações e a carência de apoio interno ao programa, refletem em escolhas e renúncias da maternidade nesta etapa da

vida. A rede de apoio representou um papel essencial de auxílio para o processo de continuidade da pós-graduação dessas mulheres após a maternidade. No entanto, alguns desafios aparecem como geradores de conflito nesse período, como o curto tempo de licença a maternidade, a falta de flexibilização dos prazos e ausência de apoio e estruturas internas.

A presente pesquisa contribui com o desenvolvimento de conhecimento sobre a maternidade vivenciada por enfermeiras pós-graduandas, sensibilizando pesquisadoras, docentes e instituições e órgãos de ensino para que possam, a partir da exposição das problemáticas vivenciadas em suas realidades, buscarem alternativas para o melhor enfrentamento das pós-graduandas nesse período de adaptação que é a maternidade.

Ressalta-se que este estudo tem sua limitação relacionada a um grupo específico de pós-graduandas, impossibilitando a generalização dos dados ao considerar a realidade loco regional de apenas um determinado programa de pós-graduação. Sugere-se a realização de novos estudos que abordem também outras áreas da ciência e maior número de instituições às quais elas se vinculam. Portanto abre-se uma lacuna para que novas pesquisas sejam realizadas possibilitando dar voz as mulheres científicas e aprofundar questões acerca das dificuldades de sua ascensão na carreira como pesquisadoras. Sendo assim, estudos futuros poderão ampliar essa discussão sob novos olhares.

REFERÊNCIAS

BARDIN L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70; 2016.

BRASIL. Lei nº 11.770, de 9 de setembro de 2008. Cria o Programa Empresa Cidadã, destinado à prorrogação da licença maternidade mediante concessão de incentivo fiscal, e altera a Lei no 8112 de 24 de julho de 1991. **Diário oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 9 set. 2008.

BRASIL. Lei nº 13.536, de 15 de dezembro de 2017. Dispõe sobre a Prorrogação dos Prazos de Vigência das Bolsas de Estudo Concedidas por Agências de Fomento à Pesquisa nos casos de Maternidade e Adoção. **Diário oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 15 dez. 2017.

CONSELHO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICA E TECNOLÓGICO (CNPq). **Dia Internacional de Mulheres e Meninas na Ciência: Pesquisadoras falam dos desafios na trajetória científica. CNPq atua para maior inserção de mulheres na ciência**. Brasília, fev. 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/cnpq/pt-br/assuntos/noticias/destaque-em-cti/dia-internacional-de-mulheres-e-meninas-na-ciencia#:~:text=O%20n%C3%BAmero%20de%20mulheres%20com,registrado%20em%2056%2C4%25>. Acesso em: 11 set. 2022

COORDENAÇÃO DO APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR (CAPES). **Mulheres na ciência: Pós Graduação Brasileira tem Maioria Feminina**. Brasília, fev. 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/capes/pt-br/assuntos/noticias/pos-graduacao-brasileira-tem-maioria-feminina>. Acesso em: 14 mar. 2022.

COSTA, F. A. Mulher, Trabalho e Família: os impactos do trabalho na subjetividade da mulher e em suas relações familiares. Pretextos - **Revista da Graduação em Psicologia da PUC Minas**, v. 3, n. 6, p. 434-452, set. 2018. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/pretextos/article/view/15986>>. Acesso em: 19 dez. 2022.

DAMIRÃO, J. J.; ROTENBERG, S. **Amamentação e trabalho feminino: responsabilidade de toda a sociedade**. Brasília- DF: Observatório Brasileiro de Hábitos Alimentares, 2020. Disponível em: <https://obha.fiocruz.br/?p=397>. Acesso em: 19 dez. 2022.

GIORDANI, R. C. F. *et al.* Maternidade e amamentação: identidade, corpo e gênero. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 23, n. 8, p. 2731-2739, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-81232018238.14612016>. Acesso em: 19 dez. 2022.

GUARESCHI, A. P.; SASSAKI, R. L.; ANDRADE, P. R. Correlação da economia do país no desmame precoce: revisão integrativa. **Revista Família, Ciclos de Vida e Saúde no Contexto Social**, v. 9, n. 3, p. 651-662, 2021. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/4979/497970304014/html/>. Acesso em: 19 dez. 2022.

IVO, A. A.; FERREIRA, F. C. Maternidade e Produção Científica: Análise dos editais de fomento à pesquisa nas Universidades Públicas do Rio Grande do Sul. **Diversidade e Educação**, v. 7, n. Especial, p. 165-182, 2019. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/divedu/article/view/9428>. Acesso em: 19 dez. 2022.

JACKSON, L. *et al.* Culpa, vergonha e resultados da alimentação infantil pós-parto: uma revisão sistemática. **Maternal.Nutr.**, v. 17, e13141, 2021.

LISBOA, A. F.; FERNANDES, I. L. A importância do vínculo afetivo para o desenvolvimento do recém-nascido: uma revisão integrativa. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, v. 13, n. 10, p. e8769, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.25248/REAS.e8769.2021> . Acesso em: 11 dez. 2022.

MULLER, E. V.; MARTINS, C. M.; BORGES, P. K. O. Prevalência de transtorno de ansiedade e depressão e fatores associados no pós-parto em puérperas. **Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil**, v. 21, n. 4, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1806-93042021000400003> . Acesso em: 18 jan. 2023.

NARDI, A. L. *et al.* Impacto dos aspectos institucionais no aleitamento materno em mulheres trabalhadoras: uma revisão sistemática. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 25, n. 4, p. 1445-1462, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-81232020254.20382018> . Acesso em: 19 dez. 2022.

PARENT IN SCIENCE. **II Simpósio Brasileiro Sobre Maternidade e Ciência**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KleIrOmtPO4&list=PLEwIDPxaaVDODuZf18P5OS3vAphT Z7pIw>>. Acesso em: 18 de novembro de 2022

PATIAS, N. D.; VON HOHENDORFF, J. Critérios de qualidade para artigos de pesquisa qualitativa. **Psicologia em Estudo**, v. 24, e43536, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.4025/psicoestud.v24i0.43536> . Acesso em: 14 mar. 2022.

POLAN, R. M.; MATTEI, L. H.; BARBERA, E. L. The Motherhood Penalty in Obstetrics and Gynecology Training. **Obstetrics and gynecology**, v.139, n.1, p. 9–13, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1097/AOG.0000000000004633> . Acesso em: 11 set. 2022.

PONTES, V. V. *et al.* Transição para a maternidade na trajetória acadêmica: estratégias de reparação dinâmica do self e de resistência no campo social de jovens universitárias. **Estudos de Psicologia (Campinas)**, v. 39, e200190, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-0275202239e200190> . Acesso em: 19 dez. 2022.

PRATES, S. R.; GONÇALVES, J. P. Educação superior e relações de gênero: atividades domiciliares para mães estudantes de pedagogia. **Revista Internacional de Educação Superior**, Campinas- SP, v. 5, p. e019030, 2019. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/riesup/article/view/8653753> . Acesso em: 19 dez. 2022.

RODRIGUES, B. C. *et al.* Ser mãe e enfermeira: questões sobre gênero e a sobreposição de papéis sociais. **Rev. Rene, Fortaleza**, v. 18, n. 1, p. 91-98, 2017. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.15253/2175-6783.2017000100013> . Acessos em: 18 jan. 2023.

RODRIGUES, J. S; MORAIS, N. A. Interação família-trabalho: um estudo sobre maternidade na pós-graduação. **Rev. SPAGESP, Ribeirão Preto**, v. 22, n. 2, p. 147-167, 2021. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-29702021000200012 . Acesso em: 05 ago. 2022.

RODRIGUES, L. N. *et al.* Acolhimento e desafios no retorno ao trabalho, após a licença-maternidade em uma instituição de ensino. **Revista de Enfermagem da UFSM**, v. 12, p. e44, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/reufsm/article/view/68966> . Acesso em: 19 dez. 2022.